

Falando em Atores

*Marcos Corbellini*¹

Resumo

Após situar a temática em que se insere este ensaio, são apresentadas fontes onde se buscam dados. Estes, mostrados em tabelas, possibilitam aproximações sobre as características dos atores. A partir de outro tipo de fontes, as cartas, se analisam algumas práticas culturais desses atores em confronto com práticas culturais propostas.

Palavras chaves: lugares sociais; práticas culturais.

Abstract

After establishing the topic in which this essay is inserted, some sources are displayed about the data searched. Those data, shown in tables, make possible close estimates about the actors' characteristics. From another kind of source – the letters – some cultural practices from those actors are analysed facing the cultural practices proposed.

Key-words: social places; cultural practices.

¹ Programa de Pós-Graduação em Educação-UNISINOS. Pró-Reitor Acadêmico-UNILASALLE

Introdução²

Este trabalho faz parte de um projeto de tese de doutorado em que pretendo estudar as origens da Sociedade das Escolas Cristãs, criada na França nos fins do século XVII, hoje chamada Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Em 6 de junho de 1694, um grupo de treze pessoas – um sacerdote, João Batista de La Salle, doze mestres-escola, que se chamavam “Irmãos”³ – assumiram coletivamente um contrato formalmente enunciado e assinado de constituição de uma sociedade cuja finalidade era a de manter escolas a serviço dos filhos dos artesãos e dos pobres.

O projeto cobre o período de 1679 a 1719, buscando mostrar um processo coletivo de constituição da sociedade, envolvendo a participação de João Batista de La Salle – até o presente destacado como “fundador da obra” – e dos Irmãos.

João Batista de La Salle, cônego, era membro da primeira ordem do reino, ungido de privilégios e vantagens decorrentes dessa posição e pelo fato de pertencer a uma família de posses e de posição social, sendo o pai membro do Conselho da cidade de Reims. Estudado. Frequentou o seminário de Saint-Sulpice e a Sorbonne, em Paris. Homem habituado até os trinta anos com ambientes mais requintados, convivendo com a elite econômica e social de Reims. Acostumado a ser servido por empregados e lacaios. Dono de algumas propriedades, que administrava com competência e firmeza. Comprometido com sua função ministerial, seguia com assiduidade e piedade as exigências que lhe exigia o exercício do canonicato.

Os Irmãos faziam parte do terceiro estado do reino, mas nos níveis sociais inferiores, onde se situavam os pobres. Cada um entrava no grupo com motivações as mais diversas. Como conhecê-las? Os primeiros, aqueles que abandonaram cedo, viam no grupo possibilidades de garantir sua subsistência. Os que os seguiram, sem eliminar essa intenção, demonstraram maior interesse nas perspectivas que o grupo oferecia. Sem estudos, diz o Memorial sobre o hábito⁴, querendo dizer sem os estudos que

² Comunicação apresentada no VII Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Maio de 2001, Pelotas, Rio Grande do Sul.

³ Segundo os biógrafos (Cf. Lett, 1955), por volta de 1686. Difícil saber se a escolha desse nome foi pensada por eles ou se foi o nome com o qual passaram a ser identificados pelos alunos que frequentavam suas escolas, pelos pais desses alunos ou pelos vizinhos. O primeiro a biografar a vida de João Batista de La Salle afirma que “os mestres foram chamados Frères” (F. Bernard, 1721, p. 47). Outro dos primeiros biógrafos diz que “o nome de Frères sendo o que convinha, foi o que adotaram, abandonando o de mestres-escola” (Blain, 1733, p. 241), pois consideravam-se irmãos uns dos outros e irmãos mais velhos dos alunos que ensinavam.

⁴ “Memorial sobre o hábito”: texto manuscrito, com cópia guardada nos arquivos da Sociedade das Escolas Cristãs, em Roma, redigido por volta de 1690, dirigido provavelmente ao pároco de Saint-Sulpice, em Paris,

conduziam à carreira eclesiástica, mas sem estudos específicos para o estilo de vida que abraçavam, o que era suprido durante o noviciado que faziam antes de ingressar na sociedade.

De onde vem e o que faziam antes de ingressar no grupo? É o que pretendo esclarecer, donde este ensaio a partir das fontes existentes.

Fontes

Maurice-Auguste (1960) estudou as origens da Sociedade das Escolas Cristãs em um trabalho intitulado *Les vœux des Frères des Écoles chrétiennes avant la Bulle de Benoît XIII*. No segundo volume deste trabalho - *Les Documents* - transcreve e faz um estudo crítico de dois documentos originais guardados nos arquivos da Sede da Sociedade, em Roma: *Le livret des premiers vœux* e *Le catalogue des Frères des Écoles chrétiennes admis avant le 15 août 1725*. Este segundo documento é, por sua vez, a transcrição de uma parte de um manuscrito depositado na Bibliothèque Nationale, Paris, França, o manuscrito 11122. *Catalogue des Frères des Écoles chrétiennes de Melun (1686-1776). XVII^e-XVIII^e siècles*.

O primeiro documento contém 36 cópias de contratos de associação designados como fórmulas de votos, e a ata de eleição do Superior em 7 de junho de 1694. Os doze primeiros contratos ou fórmulas de votos são dos doze Irmãos que, com João Batista de La Salle, constituíram a Sociedade das Escolas Cristãs, em 6 de junho de 1694. Os demais contratos ou fórmulas de votos, em número de 23, cobrem o período de 1695 até 7 de junho de 1705.

O segundo documento - o catálogo - contém 228 registros de membros da sociedade, com informações sobre: nome na sociedade, nome de família, paróquia, cidade e diocese de origem, dia e ano de nascimento, data de entrada na sociedade, votos emitidos e permanência ou não na sociedade. Em alguns casos indicam alguns bens pessoais dos ingressantes, ou remetem a um outro registro de ingresso (Registro de Recepção dos Postulantes), até o presente desconhecido.

Segundo Maurice-Auguste o catálogo foi começado por volta dos anos 1713 e 1714. As informações relativas aos membros da Sociedade, anteriores a esta data, foram colhidas das memórias e anotações dos que à época faziam parte da mesma. As posteriores, até 1725, são mais exatas.

para justificar o uso do hábito adotado pelos Irmãos, diante da proposta deste de modifica-lo. Neste texto se descrevem várias características da "comunidade das escolas cristãs".

Nem todas as informações dos registros são completas. Por outro lado, o catálogo praticamente desconhece a existência de inúmeros Irmãos sobre os quais há referências: no Livro dos Primeiros Votos (18), na ata de eleição do Superior em 1694 (3), na ata assinada por ocasião da visita do Irmão Barthélemy em 1717, convocando para uma assembléia geral (2), nas Cartas de João Batista de La Salle (17), ou nos biógrafos (13) ou em obituários (4) ou em citações do parlamento (3). Esses Irmãos "Fora do Catálogo" são em número de 60.

As cartas escritas por João Batista de La Salle constituem outra fonte de informações sobre os primeiros Irmãos, possibilitando inferir o tipo de pessoa que as recebia, quais suas atitudes e até sua maneira de pensar.

Elas foram escritas por ele em resposta às cartas que os Irmãos deveriam enviar periodicamente, prestando contas de sua vida e trabalho. Havia um "diretório" que prescrevia as orientações para essa atividade: "Diretório segundo o qual cada Irmão prestará conta de sua conduta ao Irmão Superior do Instituto, no começo dos meses de fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro".⁵

Félix-Paul (1954) fez um excelente trabalho crítico sobre essa correspondência. São 133 cartas, das quais 110 dirigidas aos membros da Sociedade. As cartas estão classificadas em três categorias: autógrafas (guardadas nos Arquivos da Sede Geral da Sociedade, Roma e autenticadas como escritas de próprio punho por João Batista de La Salle), copiadas (no mesmo Arquivo, tendo sido copiadas por terceiras pessoas); citadas (por estarem citadas nas obras dos três primeiros biógrafos).

Essas cartas, conforme os destinatários Irmãos, podem ser divididas assim: 1 para Irmão Anastase; 7 para Irmão Barthélemy; 1 para Irmão Clément; 3 para Irmão Denis; 20 para Irmão Gabriel Drolin; 6 para Irmão Hubert; 1 para Irmão Irénée; 2 para Irmão Joseph (mais 3 "obediências", nomeando-o como visitador das casas da Sociedade); 10 para Irmão Mathias; 1 para Irmão Paulin; 10 para Irmão Robert; 1 para Irmão Séverin; 1 para Irmão Thomas; 1 para o Diretor de Calais; 3 para um diretor anônimo; 13 para Diretores diferentes; 3 para um Irmão anônimo; 26 para Irmãos diferentes.

Vinte e três cartas são dirigidas a pessoas de fora da Sociedade: 1 ao prefeito de Chateau-Porcien; 2 ao Sr. Des Hayes; 1 ao Sr. Rigoley; 1 ao Sr. Gence; 1 a sua sobrinha religiosa; 2 a desconhecidos; 11 a religiosos ou religiosas ou cônegos; 4 a uma senhora piedosa.⁶

⁵ Este diretório se encontra publicado em uma "Circular Instrutiva e Administrativa" publicada pelo superior do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs em 1952. *Circulaires Instructives et Administratives n. 335*. Paris: Procure Générale, 1952.

⁶ Segundo Neves, citado por Nunes e Carvalho (1992, p. 34), as cartas oferecem amplas possibilidades de análise: relações de regras de reciprocidade (análise de envio e respostas); temas favorecidos pelo uso desse

Lugares Sociais E Tempos Diferenciados.

O catálogo contém 151 registros de Irmãos que ingressaram na Sociedade das Escolas Cristãs no período compreendido entre 1679 e 1719. Isto corresponde a 149 Irmãos, considerando que há dois casos em que houve dois ingressos e duas saídas.

De um total de 151 registros, o catálogo informa a diocese de origem de 147 Irmãos. Estes são oriundos de 38 dioceses diferentes. A Tabela 1 (página 16) apresenta o nome dessas dioceses, o número de Irmãos dela originários, o ano do primeiro ingresso e o ano de fundação da primeira escola dos Irmãos na localidade, e alguns dados dos Irmãos "fora do catálogo".

Dos 151 registros, 148 indicam a localidade (vila, vilarejo, cidade) de origem dos Irmãos. Contam-se 108 localidades diferentes, dentre as quais se destacam, com maior número: Paris (11), Romagne (8), Rouen (6), Laon (4), Reims (4), Chartres (3), Vervins (3), Villiser-le-Bel (3). Dos Irmãos Fora do Catálogo temos: Reims (2), Paris (2) Villiers-le-Bel (2), Le Mans, Chesne-le-Pouileux, Chevigny (1).

Dos 151 registros, 134 trazem informações a respeito da data de nascimento e ano de ingresso, ou a idade de ingresso, possibilitando a apresentação da Tabela 2 (página 17), com a idade de ingresso, número dos que ingressaram com esta idade, ano em que ocorreu o primeiro ingresso dentro desse grupo. Da mesma forma em relação aos Irmãos fora do catálogo sobre os quais há essa informação.

Isto nos mostra a menor idade em que foi aceito um membro da Sociedade (13 anos, em 1717) e a maior idade com que alguém ingressou (47 anos, em 1719; fora do catálogo, 70 anos em 1705), e a idade média de ingresso para este grupo de 134 Irmãos: 23,83 anos.

Esses 134 registros, que contém informações sobre o ano de ingresso, seja precisando a data, seja indicando a idade ao ingressar e o ano de nascimento, possibilitam apresentar a Tabela 3 (página 18) com o número de ingressados por ano. Incluem-se, também, nove Irmãos "fora do catálogo", sobre os quais se tem informações sobre o ano de ingresso.

Há 83 registros que informam a data de nascimento e a data da morte, o que possibilita calcular a idade média da morte dos Irmãos que

suporte; características de sua materialidade; critérios que presidem a sua guarda ou destruição; caráter de 'encaixe' em séries materiais ou epistêmicas; variedade construída dentro desse gênero (carta a desconhecidos, a si mesmo, a qualquer pessoa, carta aberta, a carta que só pode ser aberta em certa situação, a carta a amigos, etc...); análise quanto aos ritos de tratamento, interpelação, regras de polidez, etc...; sua inserção no arquivo e ao seu grau de 'integridade' e 'continuidade'; ritmos de sua cronologia; suas condensações, esgarçamento, rarefações e silêncios.

ingressaram neste período: 62,65 anos. Esse mesmo grupo de 83 Irmãos teve um tempo médio de 38,42 anos em que permaneceram Irmãos, membros da Sociedade. Cinco deles faleceram antes de 1720, dentro do período objeto deste estudo. Os demais 78 em datas posteriores.

Dos 151 registros, 53 não trazem nenhuma referência quanto ao local da morte. Dos 98 restantes, estão assim distribuídos: Saint-Yon (26 mortes); Reims (10 mortes); Marseille (8 mortes); Paris (7 mortes); Avignon, Mareville, Calais (5 mortes); Rethel (4 mortes); Chartres, Guise (3 mortes); Alais, Angers, Auxonne, Dieppe (2 mortes); Bretagne, Dijon, Ferrare, Fontainebleau, Laon, Nuneville, Mans, Mazères, Meaux, Mende, Mirepoix, Saint-Sulpice, Saint-Dens, Versailles (1 morte). Apenas dois faleceram próximo à localidade de origem.

Os 151 registros deste período trazem também um tipo de informação quanto à permanência ou não na Sociedade dos Irmãos. Essas informações dizem respeito à morte (data ou local ou ambos), saída ("sorty") ou demitido ("renvoyé"), a data dos "Votos Perpétuos", ou a informação de que fez "votos por toda a vida", ou "fez votos para sempre", em alguns casos votos "por três anos". Isto possibilita apresentar a Tabela 4 (página 19), presumindo que, quando o registro indica algo referente à morte do Irmão, significa sua permanência na sociedade. Incluem-se as informações relativas aos sessenta Irmãos "fora do catálogo".

Dos três membros da Sociedade que assumiram, em novembro de 1691, o compromisso comum de constituir a Sociedade das Escolas Cristãs - João Batista de La Salle, Gabriel Drolin e Nicolas Vuyart - os dois primeiros permaneceram até a morte. Nicolas teria abandonado por volta do ano de 1704, vindo a falecer no mesmo ano que João Batista de La Salle, em 1719. Dos doze membros que, em 1694, vieram a constituir esta Sociedade, três constam no catálogo - Gabriel Drolin, Jean Partois, Jean Jacquot - e os três permaneceram até a morte. Os outros nove não constam do catálogo. Desses as informações não são exatas, sendo provável que quatro permaneceram até a morte e cinco abandonaram.

A maioria dos que constam no catálogo mudaram o nome civil, adotando um nome religioso. Não se sabe se o nome era escolha pessoal ou indicação do Superior ou do Diretor do Noviciado, ou se era praxe adotar um nome que algum membro da Sociedade (saído ou falecido) já utilizara. Também se desconhece a partir de que data essa prática foi adotada e se foi alguma decisão coletiva ou do Superior. Dos doze que constituíram a Sociedade em 1694, apenas Jean Partois, ingressado em 1686, adotou outro nome - Antoine - e Michel Barthélemy Jacquinet, ingressado em data desconhecida, era conhecido por Irmão Barthélemy. Jean Paris, ingressado em 1682, era chamado Irmão Joseph. Em 1688, Jean Louis de Marcheville

manteve o mesmo nome. Tendo ingressado em 1690, Charles Frappet adotou o nome de Thomas. E em 1693, Gerard Drolin, mano de Gabriel, conservou o mesmo nome de batismo, Gerard.

Uma boa informação sobre os Irmãos da Sociedade viria do conhecimento de sua situação sócio-econômica antes de ingressar, a partir, por exemplo, da profissão dos pais. O catálogo nada diz a respeito disso. Damon (1973), estudando a origem por diocese e as profissões dos pais dos Irmãos ingressados na Congregação antes de 1789, baseado no texto completo deste "Catalogue des Frères des Écoles Chrétienne de Melun (1686-1776) XVII^e XVIII^e siècles" (citado por Chartier et alii, 1976), apresenta uma relação de 159 nomes de Irmãos sobre um total de 1420, dos quais conseguiu identificar a profissão dos pais. O que é mostrado na tabela 5 (página 20).

Uma informação que o próprio autor reconhece ser incompleta. De qualquer forma, cobre um período mais amplo do que é objeto deste estudo. Há informações a respeito da profissão dos pais de alguns Irmãos relatadas por Blain. Dos 151 registros do catálogo, pode-se afixar, com certa segurança, a profissão dos pais de dezoito deles. Entre essas encontramos: três agricultores, dois artesãos, dois militares, dois "burgueses", um alberguista, um alfaiate, um feirante, um operário, um professor, um sapateiro, um toneleiro, um vinhateiro. Dos Irmãos "fora do catálogo" só há informações sobre a profissão de cinco: um agricultor, um comissário, um toneleiro, dois "com posses" ou de boa situação financeira. O número fica reduzido na medida em que os "agricultores" se referem aos pais de quatro Irmãos que ingressaram na Sociedade (família Sceillier, o próprio pai também ingressou) e o "toneleiro" é pai de dois Irmãos (Gabriel e Gerard Drolin).

O que o catálogo informa, em alguns casos, é o que cada Irmão trazia ao ingressar na Sociedade. Essa informação se encontra para os ingressados entre os anos 1700 e 1716. Neste período houve 116 entradas. Dessas temos o que é mostrado na Tabela 6 (página 21).

Essas informações extraídas do catálogo e a respeito dos Irmãos "fora do catálogo" possibilitam algumas pistas para entender melhor o processo de constituição da Sociedade das Escolas Cristãs como obra coletiva dos Irmãos e de João Batista de La Salle.

Esses dados mostram a relativamente grande mobilidade do pessoal, na medida em que entram em um grupo vindo de localidades as mais diversas, a maioria das quais não conta com a presença de escolas da Sociedade. Impossível saber onde exatamente se encontravam quando decidiram ingressar. De qualquer forma, acontece aqui um deslocamento de espaços geográficos.

Hazard (1964), analisando a mudança que se vai processando, de um tempo de estabilidade para um tempo de movimento, afirma que o povo francês viajava muito. Goubert e Roche, por seu lado, afirmam o contrário:

A paisagem francesa está fixa desde longa data (...) A estabilidade dos grupos humanos é não menos evidente. Certamente é fácil acumular detalhes pitorescos que mostram que os franceses de deslocam, erram, emigram aparentemente muito. (...) Um fluxo anual do campo para as cidades; servos, aprendizes, aventureiros; várias dezenas de milhares de mendigos, e menos de soldados; montanhistas que vão e que vem, mas retornam a seus lugares. (...) Dezenove milhões de franceses sobre vinte permanecem ligados à terra, ao lar, ao quarteirão onde nasceram (Goubert et Roche, 1991, p. 47-48).

E prosseguem esses mesmos autores falando da estabilidade das paisagens, dos espaços que as pessoas utilizam como moradia, dos hábitos das pessoas em sua vida diária, estabilidade até, provavelmente, no número de habitantes, como um dos aspectos a caracterizar a França nos começos do século 17 até meados do século 18, quanto tudo começa a mudar (Goubert et Roche, 1991, p. 48).

Os membros da Sociedade das Escolas Cristãs não seguem este tipo de estabilidade. Eles abandonaram, sós ou com sua família, a localidade de origem, para nela ingressar em localidades onde existe um noviciado. Assumem, por outro lado, o compromisso de permanecerem estáveis dentro dela mesma, e a disposição de se deslocarem aonde forem enviados, sendo uma regra prática não ser no local onde se encontra sua família.

O ingresso na Sociedade se faz a partir de lugares muito diferentes entre si. Tão diferentes a ponto de João Batista de La Salle, em uma carta escrita de Marseille ao Irmão Gabriel Drolin, dizer "estar voltando para a França".⁷ Isso traz como resultante o acréscimo constante de novas idéias, novas visões de mundo, novas concepções de vida, novas práticas culturais, adentrando ao grupo e contribuindo, de várias maneiras, para ampliar (ou diminuir, eventualmente) as tensões e os conflitos. Ao entrar na Sociedade, eles se vêem comprometidos ou obrigados a assimilar o novo modo de viver e de pensar: as apropriações são diferentes e as resistências devem ser superadas.

⁷ Je retourne an France (La Salle, Oeuvres Complètes. LA 29).

Não há uma idade determinada para o ingresso, embora na Memória sobre o hábito, faz-se referência a quatorze anos.⁸ De fato, esta idade varia entre 13 e 47 anos, com uma exceção para o Irmão que ingressou com 70 anos de idade. A média de idade de ingresso demonstra um grupo relativamente jovem que vai constituindo a Sociedade. A maioria oficialmente reconhecida, neste período, era a idade de 21 anos. Os que solicitavam ingresso abaixo dessa idade deviam apresentar alguma autorização dos pais.

Grosso modo, do total de ingressados, dois terços permaneceram na sociedade, um terço abandonou ou foi demitido. Impossível saber os motivos. Os biógrafos, Blain especialmente, relatam algumas dessas saídas, pondo ênfase nos aspectos negativos dos envolvidos. O mesmo Blain afirma que os primeiros que se juntaram a João Batista de La Salle, quando da abertura das primeiras escolas em Reims, nos anos 1679 e 1680, saíram todos desgostados quando La Salle tentou organizar o grupo a seu modo, e novos ingressaram com outro espírito, mais adequado ao modelo de vida comunitária que estava surgindo. O próprio João Batista de La Salle, na "Memória sobre o hábito" escrito por volta de 1690, faz referência a esse aspecto quando diz:

Antes deste hábito singular, vinha-se a esta comunidade como para alguém que mantinha mestres-escola como se fossem domésticos, sem nenhuma idéia de comunidade. Vários se apresentavam a fim de se formar e em seguida atuar por conta própria. Várias solicitavam algum ganho, e vários outros acreditavam se lhes era devedores pelo fato de se contentarem com o suficiente para viver e vestir (La Salle. Oeuvres Complètes. MH 0,0,43).

Os Irmãos faleceram, na média, em uma idade muito acima daquela do povo francês. Era baixa a expectativa de vida para a população francesa em todo esse período de tempo, como mostram Snyders que cita a estimativa de Buffon, *Histoire Naturelle*, para quem um quarto do gênero humano morre antes de ver a luz, um terço antes de alcançar a idade de dezoito meses, a metade antes dos oito anos (Snyders, 1965, p. 223) e Mandrou, para quem a mortalidade infantil, ligada às condições graves de má alimentação, falta de higiene e de cuidados médicos, faz desaparecer a metade dos recém-nascidos antes que cheguem ao primeiro ano de vida (Mandrou, 1967, p. 87). Só é possível imaginar uma relação entre a maior

⁸ Educa-se, também, nesta comunidade, jovens que têm o espírito e a disposição para a piedade, quando se os considera apropriados e quando eles mesmos se dispõem a ingressar em seguida na comunidade. São recebidos a partir dos quatorze anos ou mais (MH 0,0,7).

longevidade desses Irmãos com o modo de vida: convivência, sentido de pertença a um grupo, trabalho assegurado, alimentação quantitativamente maior e de melhor qualidade.⁹

A amostragem referente à profissão dos pais não permite que se tirem conclusões definitivas. Admitindo uma ampliação para o conjunto dos Irmãos dessa amostragem quanto à profissão dos pais, e a pobreza de bens com que chegam à porta da Sociedade, temos um grupo eclético oriundo predominantemente do meio dos trabalhadores braçais urbanos, pessoas que, no contexto da época, viviam no limite entre a pobreza e a miséria, e normalmente analfabetos. Goubert e Roche (1991), descrevem dessa forma: os operários urbanos constituíram provavelmente o grupo mais numeroso das cidades, senão a maioria. Não possuem bens imóveis, todos são locatários, e subjugados por dívidas para com os proprietários, usurários ou o empregador. Possuem uma frágil qualificação profissional, o que acarreta grande instabilidade. Em tempos normais, o salário familiar (pois a mulher e os filhos com mais de oito anos trabalham) cobre as necessidades básicas, sem perspectivas de melhoria na qualidade de vida. Ao tempo de Louis XIV, um assalariado recebia, em geral, em trono de 100 a 120 libras por ano. Esse salário garantia o equivalente a quinze libras de pão por dia, em situações normais. Situação vulnerável, ligada à saúde da família, ao número de filhos, à situação dos preços e à "conjuntura". Alfabetização nula ou insignificante (sabe-se desenhar as iniciais ou o símbolo do emprego), práticas religiosas fortemente impregnadas de magia e de superstições, alimentação desequilibrada, higiene inexistente, enfermidades freqüentes, grande sensibilidade aos rumores, aos pânicos, às emoções do momento.

Práticas Culturais

Na já citada "Memória sobre o hábito", assim se descreve os primeiros Irmãos, isto é, os que faziam ou haviam feito parte da Comunidade antes de 1690:

⁹ O capítulo 3 da "Règle du Frère Directeur" (La Salle. Oeuvres Complètes. FD 3) trata da "alimentação dos Irmãos deste Instituto". Ali se observam algumas regras bem precisas. "A alimentação dos Irmãos será comum e ordinária, e sempre a mesma". "Eles comerão do que tiver bom preço no mercado. Poderão comer peixe, quando o preço for melhor que os ovos". "Nos dias em que se come carne, eles não comerão senão carne, seis onças cada, e meio copo de vinho em cada refeição. No almoço, uma batata, uma porção de cozido e sobremesa ou salada. Na janta, comerão carne moída ou bife à moda, ou carne assada" (Les jours auxquels on mange de la viande, ils ne mangeront que de la viande de boucherie, six onces chacun, et demi-setier de vin à chaque repas. A dîner, un potage, une portion de bouilli et du dessert ou une salade. A souper, ils mangeront de la viande fricassée ou du boeuf à la mode, ou de la viande en étuvée).

Esta comunidade se chama ordinariamente comunidade das Escolas cristãs e presentemente não está estabelecida nem fundada a não ser na providência. Ali se vive com Regras, com dependência em todas as coisas, sem nenhuma propriedade e em uma inteira uniformidade (La Salle. Oeuvres Complètes. MH 0,0,2). Antes deste hábito, a maior parte se ia com a roupa que lhes era dada (La Salle. Oeuvres Complètes. MH 0,0,45).

No mesmo texto, há uma descrição relacionada com o nível de preparação intelectual que possuíam esses primeiros Irmãos:

Os que compõem esta comunidade são todos leigos, sem estudo e de um espírito bastante medíocre. A providência quis que alguns que se apresentaram tendo a tonsura ou tendo estudado, não permanecessem.

Não se recusaria, entretanto, pessoas que tivessem estudado, mas não se os receberia senão na condição de não estudar jamais, pois o estudo não lhes é necessário, porque seria ocasião de abandonar sua condição e porque os exercícios da comunidade e o trabalho na escola exigem uma pessoa de tempo completo.

Os membros desta comunidade, sendo a maior parte grosseiros, sem espírito elevado e sem estudo, e não se conduzindo ordinariamente senão por impressões,... (MH 0,0,9 e 10).

Já nas meditações para o tempo do retiro, a concepção é bem outra. Os Irmãos são chamados ali "ministros", "cooperadores" de Jesus Cristo, exercendo uma função semelhante a dos Bispos e Doutores da Igreja.

Antes ainda, a própria concepção de João Batista de La Salle, como ele a expressou na "Memória dos começos", citada por Blain:¹⁰

Pois, por reação natural, considerava inferiores a meus lacaios aqueles que teria que empregar nas escolas, sobretudo no começo. Só a idéia de viver com eles me seria insuportável. E, de fato, experimentei grande repugnância quando, no início, vieram em minha casa, o que durou dois anos (La Salle, apud Blain, 1733:169).

¹⁰ Segundo este biógrafo, La Salle teria redigido, por volta de 1690, este texto, no qual descreveu suas impressões sobre o que havia acontecido desde que iniciara os primeiros contatos com os mestres-escola e com a escola. Não se encontrou o original.

A Sociedade das Escolas Cristãs, como a sociedade toda na qual ela estava inserida, foi produção das pessoas que a constituíam em seu processo histórico. Eles, os mestres-escola, os Irmãos e João Batista de La Salle, construíram as idéias e as teorias a respeito de si, do seu trabalho, de sua organização, de suas relações internas e de suas relações com as pessoas "do mundo". Não houve, em relação à esta Sociedade, idéias pré-existentes, como bases em cima das quais se erigiu, mas foram sendo criadas no processo de sua constituição. Se pensarmos que os homens modificam o processo social e são por ele modificados, não falaremos em leis determinantes, mas em pressões exercidas pelos próprios homens (Araújo Vieira, 1991).

As Regras de Cortesia e Urbanidade Cristãs,¹¹ livro texto escrito e publicado pela Sociedade das Escolas Cristãs tratam exaustivamente do corpo. O "homem honesto" deveria saber controlar seu corpo e cada uma de suas partes, e para isto era necessário seguir regras definidas pelo costume da corte ou da elite. Em função disto, este livro descreve o modo de proceder relativo a tudo o que se possa imaginar ser consequência do fato de possuir um corpo.

Por exemplo: o porte e a compostura de todo o corpo, da cabeça, dos cabelos, do rosto, dos olhos, do nariz e do modo de assoar-se, da boca, das mãos, dos joelhos, pernas e pés,...; do levantar-se e deitar-se, do modo de vestir-se e despir-se,...; da alimentação; das diversões; das visitas; da conversação; das cartas.

A ótica com que o faz é muito simples, segundo o prólogo: trata-se de portar-se dessa maneira porque se é cristão e, por conseguinte, deve-se honrar a Jesus Cristo em seu corpo e no corpo do próximo.

Assim, se lê: não é educado falar das partes do corpo, que deve sempre ser resguardado; não é de uma pessoa sábia deixar-se chamar mais de uma vez para levantar-se; também é indecente e pouco honesto permanecer no leito se não há necessidade de repouso; é honesto vestir-se prontamente por respeito à majestade de Deus.

Na Guia das Escola também se trata destes temas. Não apenas no sentido de formação para tornar-se o "homem honesto" desejado, como para aprender a escrever, que era uma questão de treinamento. Neste sentido, o importante era aprender a "bem manter o corpo". A Guia descreve, até os detalhes, os procedimentos do mestre para ensinar aos alunos. Inclusive, se necessário, o mestre deverá tocar o aluno a fim de orientá-lo sobre a posição correta do corpo, das mãos, da pena de escrever entre as mãos. Conduzindo,

¹¹ LA SALLE, Jean-Baptiste de. Les règles de la bienséance et de la civilité chrétienne à l'usage des écoles chrétiennes. Reproduction anastatique de l'édition de 1703. In: Cahiers Lasalliens, n. 19. Roma: FSC, 1964. XII-252-258 p. Pungier (1997) fez um estudo crítico sobre esse livro.

de tempos em tempos, suas mãos, se considerar necessário. A classificação dos alunos nos níveis de escrita se fazia pelo critério de saber controlar melhor a posição do corpo e na utilização da pena de escrever.

A Guia é também muito detalhista quanto ao controle do corpo durante as aulas, tanto do mestre como dos alunos, sempre em coerência com o prescrito nas Regras de Cortesia e Urbanidade Cristãs: a postura corporal; onde e como posicionar os olhos, as mãos, os ombros, etc; a maneira de solicitar permissões para qualquer coisa; o rito a ser seguido para os castigos corporais; necessidade de informar-se se os alunos dormem sós ou com quem, e com quem brincam e andam pelas ruas. Ordem e controle do mestre e seus auxiliares, utilizando uma estudada linguagem de sinais, olhares e poucas palavras.

Este controle e atenção são exercidos também sobre os Irmãos em sua vida privada através das cartas de João Batista de La Salle, em resposta à prestação de contas periódica que eles faziam.

A um Diretor (Hubert) reclama que busca muito as comodidades do corpo e se deixa conduzir pelas opiniões dos demais (LA 37,12), que não deve freqüentar muito a cozinha, que tem que manter uma postura digna e grave na escola e não bater nos alunos com as mãos (LA 35,13), que, como diretor, deve controlar a um dos Irmãos de sua comunidade, acusado de ir à cozinha para beber vinho (LA 34,31). O mesmo é repreendido por rir-se durante as refeições, o que é ocasião de escândalo para os outros (LA 35,14).

A outro escreve para dizer-lhe que o vê mais incomodado do espírito do que do corpo, em resposta a uma manifestação dele por uma situação física desagradável (LA 43,5), e que não deveria sair de casa para comer fora, pois as Regras proibem que se o faça, ademais de proibir a freqüentação de pessoas estranhas à comunidade (LA 49,5).

A um insiste para que seja fiel em deitar-se na hora prescrita (LA 12,19), e a outro que não seja preguiçoso em levantar-se pela manhã (LA 55,6).

A seu grande amigo, Gabriel Drolin, em Roma, com quem mantém um estilo de correspondência totalmente diferente em relação aos demais Irmãos - no sentido de que não segue o roteiro prescrito no diretório - repreende suavemente ao tomar conhecimento, por informações de outras pessoas, de que teria em sua moradia uma cave com vinho "e do bom" (LA 24,17).

Ao encarregado da alimentação em uma comunidade, repreende por pesar o pão que dá aos demais, porque "entre nós se come segundo as necessidades" (LA 58,18), e que não se pode comer fora dos horários das refeições, porque não se trata de fome, mas de uma tentação (LA 57,4).

As Regras de Cortesia e Urbanidade Cristãs tem um capítulo inteiro sobre a conversação. Traz orientações quanto: as condições impostas às palavras segundo a ótica da doutrina cristã ("quer a cortesia que o cristão nunca profira uma palavra contra a verdade ou a sinceridade, que falte ao respeito para com Deus ou à caridade para com o próximo"); como falar das pessoas e das coisas; as diferentes maneiras de falar; como interrogar, informar-se, responder e manifestar suas opiniões; como debater, interromper e repreender; as felicitações e as más maneiras de falar.

É o que se exige do "homem honesto". Fica-se com a impressão de que o melhor seria não ter que falar, tantas são as pequenas e minuciosas regras exigidas para fazê-lo: quando se fala, há que empregar sempre palavras dignas, correntes, inteligíveis, e adequadas ao tema do que se fala; e não vocábulos raros e rebuscados; quando se fala deve-se tomar um tom de voz doce e bem posto, assaz elevado para poder ser entendido; é contrário à cortesia gritar e tomar um tom de voz tão alto como se estivesse falando a surdos; é necessário fazê-lo sempre com honestidade.

Nas escolas da Sociedade das Escolas Cristãs, o silêncio é o rei, pois "é um dos principais meios de estabelecer e manter a ordem; é por isto que o mestres fará observar exatamente o silêncio em sua classe, não permitindo que ninguém fale sem sua permissão" (CE 11,3,1). Falar raramente é uma das principais regras da Sociedade, a correção através da fala devendo ser tão rara, que é melhor não utilizá-las (CE 15,1,2).

A postura do mestre é fundamental neste caso. Suas grandes virtudes serão a gravidade, o exterior modesto, o semblante sério (não deverá nunca se rir nem provocar o riso nos alunos), falando sempre de maneira a inspirar respeito, sem familiaridades, atento sempre a tudo o que se passa na sala de aula: "Toda a sua aplicação será de estar atento a tudo o que se passa na classe, sem jamais dizer uma única palavra e sem abandonar seu lugar. Não permitirá que o aluno fale, nem se aproxime dele durante sua atividade" (CE 18,7,3).

O mestre terá o cuidado de perguntar muito e somente falar sobre o assunto proposto para o dia (trata-se da aula de catecismo) (CE 9,3,2). Não pode falar com os outros mestres, senão com o Inspetor (CE 21,2,14).

O mestre, ao sair para a escola, deve andar pelas ruas rezando o rosário, sendo proibido de falar com seu companheiro ou com qualquer outra pessoa. Não pode familiarizar-se nem ter amizades com ninguém, somente o pároco tem acesso à escola e, ao falar com os pais dos alunos, deve fazê-lo sempre com muita honestidade e em poucas palavras (CE 21,2,16).

A colocação dos alunos nas classes não é nem livre nem aleatória. A separação leva em conta, por exemplo, que um "libertino" esteja entre dois

cuja piedade seja conhecida, o falador entre dois que sejam mais silenciosos e atentos (CE 23,1,6).

O falar é substituído por uma linguagem de sinais, classificados segundo os exercícios e atividades que se fazem na escola (CE 12,0,3).

Pelas cartas pode-se concluir que os Irmãos, ao menos alguns, gostavam de falar e lhes era difícil respeitar tão rigoroso silêncio.

A um Diretor (Hubert), ao dizer-lhe que faz muito bem em escutar aos subalternos, repreende pelos longos entretenimentos durante os quais se fala de "quantidades de coisas exteriores e inúteis, com graves conseqüências" (LA 37,8).

Do mesmo Diretor quer saber quem e por que freqüentou uma das cerimônias populares da procissão do Corpo de Deus, carregando tochas da abadia de San Martin, proibindo que isso se repita (LA 34,24); e recorda a proibição de que os mestres conversem na escola (LA 34,19). Orienta-o sobre o uso de algumas expressões no falar, de acordo com as Regras de Cortesia e Urbanidade Cristãs, como "eu quero, eu não quero, é necessário", porque não atraem as graças de Deus (LA 33,3). E que no tempo de recreação após as refeições, segundo as Regras da Sociedade, se converse sobre coisa boas e nada se diga de inútil (LA 34,9). E volta a insistir que não fale tanto com os demais, deixando para isso de participar dos tempos de oração da comunidade (LA 37,7). E que fala de maneira pouca sábia e pouco submissa, o que não atrai as bênçãos de Deus (LA 35,4).

De certa maneira lhe impõe uma lei de estrito silêncio, pois não deve falar ao dirigir-se ao local de recreação, nas escadas, ao caminhar pela casa (LA 37,9).

A outro diz claramente que fala demais, tendo como conseqüência muitas distrações durante a meditação (LA 54,6), que fala em voz muito alta e sem sabedoria (LA 58,2), ou que fala de longe ou pela janela (LA 56,6). Esta falta de sabedoria foi a causa de um escândalo provocado com uma vizinha (LA 57,1). E que não deve falar aos alunos por curiosidade (LA 54,4) e que não pode falar com outros Irmãos quando os encontra pelas ruas (LA 55,7).

Encarregados de instruir as crianças para fazer deles bons cristãos a serviço de seu país (de seu rei) os Irmãos tinham como tarefa torná-los "homens honestos". Para isso deveriam sê-lo em primeiro lugar. Porém, conseguiam isso, alcançavam superar todos os hábitos adquiridos em sua origem simples e afastada de todas essas exigências da cortesia? Ao Irmão Mathias escreve por duas vezes: você escreve de uma maneira pouco honesta e contrária à verdade (LA 44,1), tenha o cuidado de escrever mais sabiamente e honestamente (LA 47,9). Talvez se possa perceber a dificuldade que os Irmãos tinham e as resistências que ofereciam em tornar-

se "homens honestos" segundo este paradigma, em uma das cartas ao Irmão Robert: "É necessário ter entre vós união, honestidade com relação aos seculares, paciência com relação aos alunos" (LA 56,3).

Tabela 1
SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS
1679 - 1719
DIOCESES DE ORIGEM

DIOCESE	NÚMERO DE IRMÃOS		PRIMEIRO INGRESSO	FUNDAÇÃO DE ESCOLA DA SOCIEDADE
	CATÁLOGO	FORA CATÁLOGO		
Reims	28	4	1684/1684	1679
Laon	22		1697	1685
Paris	16	4	1695/1683	1688
Rouen	13		1700	1705
Chartres	8		1700	1699
Cambrai	5		1701	
Soissons	5		1692	
Autun	4		1706	1705 (Dijon)
Grenoble	4		1700	1708
Amiens	3		1700	1700 (Calais)
Embrun	3		1711	
Noyon	3		1702	
Auxerre	2		1704	
Beauvais	2		1706	
Blois	2		1701	
Lausanne	2		1713	
Liège	2	1	1700/1693	
Lyon	2		1706	
Orange	2		1715	
Arras	1		1710	
Bayeux	1		1718	
Besançon	1		1706	
Boulogne	1		1716	1710
Bourges	1		1715	
Châlons-sur-Marne	1		1705	
Chalon-sur-Saone	1		1717	
Die	1		1719	
Evreux	1		1707	
Langres	1		1709	
Meaux	1		1706	
Mende	1		1711	1707

Orléans	1	1714
Sées	1	1704
Senlis	1	1701
Sens	1	1718
St-Jean-de		
Maurienne	1	1713
Toul	1	1712
Uzès	1	1716

38 Dioceses	147	9
--------------------	------------	----------

Tabela 2
SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS
1679 - 1719
IDADE, NÚMERO E ANO DE INGRESSO.

IDADE DE INGRESSO	NÚMERO DE INGRESSOS		PRIMEIRO INGRESSO
	CATÁLOGO	FORA CATÁLOGO	
13	1		1717
14	4	1	1686-1679
15	5	1	1700-1686
16	5	1	1700-1687
17	6	2	1700-1682
18	7		1691
19	14		1686
20	10	1	1684-1701
21	10	1	1693-1684
22	8		1700
23	7	1	1706-1683
24	7	1	1700-1694
25	6		1702
26	6		1700
27	3		1700
28	4		1700
29	6		1701
30	4		1703
31	2		1701
32	4		1705
33	1		1718
34	1		1706
35	3		1705
36	2		1696
37	1		1716
39	3		1705
44	2		1705
45	1		1716
47	1		1719
70	1		1705
Total	134	10	
Idade média de ingresso		23,83	

Tabela 3
SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS
1679 - 1719

ANO E NÚMERO DE INGRESSOS

ANO DE INGRESSO	NÚMERO DE INGRESSOS	
	CATÁLOGO	FORA CATÁLOGO
1679		1
1682		1
1683		1
1684	1	1
1686	2	1
1687	1	
1690	1	
1691	1	
1692	1	
1693	1	
1694		1
1695	1	
1696	1	
1697	1	
1700	13	
1701	3	1
1702	2	
1703	2	
1704	6	
1705	11	1
1706	9	
1707	3	
1709	6	
1710	11	
1711	4	
1712	3	
1713	8	
1714	3	
1715	6	
1716	13	
1717	5	
1718	7	
1719	9	
Total	134	9

Tabela 4
SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS
1679 - 1719
PERMANÊNCIA OU NÃO NA SOCIEDADE

SITUAÇÃO	NÚMERO	
	CATÁLOGO	FORA CATÁLOGO
Morreram na Sociedade	105	30
Abandonaram a Sociedade	39	14
Foram demitidos	7	2
Não há informações sobre permanência ou não		14
Total	151	60
Emitiram os "Votos Perpétuos" em data definida	17	22
Emitiram os "Votos Perpétuos" em data indefinida	67	1
Não há informações a respeito de "Votos Perpétuos"	59	37
Emitiram votos de "Três anos"	8	
Total	151	60

Tabela 5
SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS
1680-1789
PROFISSÃO DOS PAIS DOS MEMBROS

PROFISSÃO¹²	NÚMERO DE ASSOCIADOS	PERCENTAGEM
notables (nobles et bourgeois)	3	(1,9%)
officiers	5	(3,1%)
marchands (comerciantes)	21	(13,2%)
maîtres d'école, maîtres-écrivains,		
chirurgiens, clercs	7	(4,4%)
artisans	54	(34%)
employés	9	(5,7%)
ouvriers des villes	11	(6,9%)
laboureurs	12	(7,5%)
vignerons et maraîchers	9	(5,7%)
manouvriers	26	(16,4%)
mariniers	2	(1,2%)
TOTAL	159	100,0%

¹² A propósito das profissões relacionadas acima, o Nouveau dictionnaire de l'Académie Française de 1718 assim as define: NOTABLES: os principais e mais consideráveis de uma cidade; NOBLE: por direito de nascença ou por Letras do Príncipe está em um nível acima da terceira ordem do Estado; MARCHAND: comerciante; CHIRURGIEN: o que faz profissão, que exerce a cirurgia; CLERC: o que, pela tonsura, entrou no estado eclesiástico; OUVRIER: o que trabalha com as mãos e que faz qualquer obra; ARTISAN: trabalhador manual em uma arte mecânica; homem de "mestier"; MESTIER: arte mecânica; EMPLOYÉ: empregado; LABOUREUR: o que faz "mestier" de trabalhar a terra (com charrua,...); MARAIS: (em Paris) um terreno onde se cultivam legumes, hortaliças. Donde: maraîchers; VIGNERON: paysan (homem da campanha) que cultiva a vinha; MANOUVRIER: "ouvrier" que trabalha com as mãos; MARINIER: o que conduz pequenos barcos em grandes rios; MAÎTRE D'ÉCOLE: o que ensina a ler e a escrever; MAÎTRE ÉCRIVAIN: o que, tendo sido aprendiz, é recebido na forma ordinária no Corpo de Mestier; PROFESSEUR: o que professa, ensina em uma universidade ou em um colégio, qualquer ciência ou arte.

Tabela 6
SOCIEDADE DAS ESCOLAS CRISTÃS
1679-1719
BENS PESSOAIS AO INGRESSAR NA SOCIEDADE

INFORMAÇÃO NO CATÁLOGO	NÚMERO DE VEZES
"trouxe algumas roupas usadas, ver no registro de postulantes"	41
"ver no registro da recepção dos postulantes"	9
"uma camisa"	1
"três velhas camisas e uma nova"	1
"três camisas"	1
"duas camisas"	1
"alguns pequenos móveis, ver no registro"	1
"algumas roupas usadas"	1
"algumas camisas"	1
"7 ou 8 libras"	1
"os soldados lhe tomaram o pacote"	1
"não há lembrança do que trouxe"	1

Referências Bibliográficas

- BLAIN, Jean-Baptiste. *La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle, Instituteur des Frères des Écoles chrétiennes*. Reproduction photomécanique de l'édition originale, 1733. T. I. In: Cahiers Lasalliens, 7. Roma: FSC, 1961.
- _____. *La vie de Monsieur Jean-Baptiste de La Salle, Instituteur des Frères des Écoles chrétiennes*. Reproduction photomécanique de l'édition originale, 1733. T. II. In: Cahiers Lasalliens, 8. Roma: FSC, 1961.
- CHARTIER, Roger et alii. *L'éducation en France du XVII^e au XVIII^e siècle*. Paris: SEDES, 1976.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. Trad. Viviane Ribeiro.
- DAMON, François-Yves. *Les origines géographiques et sociales des Frères des Ecoles Chrétiennes avant 1789*. Mémoire de maîtrise. Université Paris-I. Paris: 1973. Datilografado.
- F. BERNARD. *Conduite admirable de la divine Providence en la personne du vénérable serviteur de Dieu, Jean Baptiste de La Salle...* Édition du manuscrit de 1721. In: Cahiers Lasalliens, 4. Roma: FSC, 1965.
- F. FÉLIX-PAUL. *Les lettres de Sain Jean-Baptiste de La Salle*. Édition critique. Paris: Procure Générale, 1954.
- F. MAURICE-AUGUSTE. *Les vœux des Frères des Écoles Chrétienne avant la bulle de Benoît XIII*. Volume I. In: Cahiers Lasalliens, 2. Roma: FSC, 1960.
- _____. *L'Institut des Frères des Écoles chrétiennes à la recherche de son statut canonique: des origines (1679) à la bulle de Benoît XIII (1725)*. In: Cahiers Lasalliens, 11. Roma: FSC, 1962.
- GOUBERT, Pierre et ROCHE, Daniel. *L'ancien régime*. Paris: Armand Colin, 1969.
- _____. *Les français et l'ancien régime. 1. La société et l'État*. Paris: Armand Colin, 1991.
- _____. *Les français et l'ancien régime. 2. Culture et société*. Paris: Armand Colin, 1991.
- HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne 1680-1715*. Paris: Fayard, 1964.
- INSTITUTO DOS IRMÃOS DAS ESCOLAS CRISTÃS. *Les lettres de Saint J.-B. de La Salle*. In: Frère Athanase-Émile. *Circulaires Instructives et Administratives n. 335*. Paris: Procure Générale, 1952.

- LA SALLE, Jean-Baptiste. *Méditations pour les fêtes principales de l'année avec les Évangiles de tous les dimanches. Méditations sur les principales festes de l'année.* Reproduction anastatique de l'édition originale: [1731]. In: Cahiers Lasalliens, 12. Roma: FSC, 1962.
- _____. *Méditations pour le temps de la retraite à l'usage de toutes les personnes qui s'emploient à l'éducation de la jeunesse; et particulièrement pour la retraite que font les Frères des Écoles chrétiennes pendant les vacances.* Reproduction anastatique de l'édition originale: [1730]. In: Cahiers Lasalliens, 13. Roma: FSC, 1963.
- _____. *Recueil de différents petits traités à l'usage des Frères des Ecoles chrétiennes.* Reproduction anastatique de l'édition de 1711. In: Cahiers Lasalliens, 15. Roma: FSC, 1963.
- _____. *Exercices de piété qui se font pendant la journée dans les Écoles chrétiennes.* Reproduction anastatique de l'édition de 1760. In: Cahiers Lasalliens, 18. Roma: FSC, 1963.
- _____. *Explication de la méthode d'oraison.* Reproduction anastatique de l'édition originale: 1739. In: Cahiers Lasalliens, 14. Roma: FSC, 1963.
- _____. *Grand abrégé des devoirs du chrétien envers Dieu.* Reproduction anastatique de l'édition 1727. In: Cahiers Lasalliens, 23. Roma: FSC.
- _____. *Instruction et prières pour la sainte messe, la confession et la communion, avec une instruction méthodique par demandes et réponses pour apprendre à se bien confesser.* Reproduction anastatique de l'édition de 1734. In: Cahiers Lasalliens, 17. Roma: FSC, 1963.
- _____. *Les règles de la bienséance et de la civilité chrétienne à l'usage des écoles chrétiennes.* Reproduction anastatique de l'édition de 1703. In: Cahiers Lasalliens, 19. Roma: FSC, 1964.
- _____. *Les devoirs d'un chrétien envers Dieu, et les moyens de pouvoir bien s'en acquitter (exposé en discours suivi).* Reproduction anastatique de l'édition de 1703. Tome I. In: Cahiers Lasalliens, 20. Roma: FSC, 1964.
- _____. *Les devoirs d'un chrétien envers Dieu, et les moyens de pouvoir bien s'en acquitter (Par demandes et réponses).* Reproduction anastatique de l'édition de 1703. Tome II. In: Cahiers Lasalliens, 21. Roma: FSC, 1964.
- _____. *Du culte extérieur et public, que les chrétiens sont obligés de rendre à Dieu et des moyens de le lui rendre. Troisième partie des devoirs d'un chrétien envers Dieu.* Reproduction anastatique de l'édition de 1703 et 1705. In: Cahiers Lasalliens, 22. Roma: FSC, 1964.
- _____. *Pratique du régleme journalier. Règles communes des Frères des Écoles chrétiennes. Règle de frère directeur d'une maison de*

- l'Institut*. D'après les manuscrits de 1705, 1713, 1718 et l'édition princeps de 1726. In: Cahiers Lasalliens, 25. Roma: FSC, 1965.
- _____. *Conduite des Écoles Chrétiennes*. Edition comparée du manuscrit dit de 1706 et du texte imprimé de 1720. In: Cahiers Lasalliens, 24. Roma: FSC, 1965.
- _____. *Les lettres de Saint Jean-Baptiste de La Salle*. In: *Oeuvres complètes*. (Données électroniques: Centre Informatique et Bible - Maredsous). Études Lasalliennes (org.). Roma: FSC, 1993.
- LA SALLE. *Oeuvres complètes*. (Données électroniques: Centre Informatique et Bible - Maredsous). Études Lasalliennes (org.). Roma: FSC, 1993.
- LETT, Frère Émile. *Les premiers biographes de Saint J.-B. de La Salle*. Paris: LIGEL, 1955.
- LOES, Augustine. *The first De La Salle brothers: 1681-1719*. Maryland: Lasallian Publications, 1999.
- MAILLEFER, F. E. *La vie de M. Jean-Baptiste de La Salle, prêtre, docteur en théologie, ancien chanoine de la cathédrale de Reims, et instituteur des Frères des Écoles chrétiennes*. Édition comparée des manuscrits de 1723 et de 1740. In: Cahiers Lasalliens, 6. Roma: FSC, 1966.
- _____. *La vie de monsieur Jean-Baptiste de La Salle*. Roma: FSC, 1980.
- MANDROU, Robert. *La France aux XVII^e et XVIII^e siècles*. Paris: Presses Universitaires, 1967.
- MOLLOY, Colman. *The letters of John Baptist de La Salle*. Romeville: Lasallian Publications, 1988.
- NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta Maria C. de. *Historiografia da educação e fontes*. *Cadernos ANPED*, 15.a Reunião Anual, setembro, 1992. Porto Alegre: ANPED, 1992.
- PROST, Antoine. *Sociale et culturelle indissociablement*. In: RIOUX, J.-P. et SIRINELLI, J.-F. (orgs.). *Pour une histoire culturelle*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.
- PUNGIER, Jean, FSC. *Comment est née la conduite des écoles*. Roma: FSC, 1980.
- _____. *La civilité de Jean-Baptiste de La Salle. Ses sources. Son Message. Une première approche*. In: Cahiers Lasalliens, 58. Roma: FSC, 1996.
- _____. *La civilité de Jean-Baptiste de La Salle. Ses sources. Son Message. Deixième partie*. In: Cahiers Lasalliens, 59. Roma: FSC, 1997.
- SAUVAGE, M. et CAMPOS, M. *Annoncer l'évangile aux pauvres*. Paris: Beauchesne, 1977.

- _____. L'Explication de la Méthode d'Oraison de saint Jean-Baptiste de La Salle. Présentation du texte de 1739. Instrument de travail. Roma: FSC, 1989.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999. Trad.: Laureano Pelegrin.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. Trad. Magda Lopes.
- SNYDERS, Georges. *La pédagogie en France aux XVII^e et XVIII^e siècles*. Paris: Presses Universitaires, 1965.
- TRÉVOUX. *Dictionnaire universel Français et Latin*. Paris: 1721.